

A poética das hipermídias

II Mostra Interpoesia

PRISCILA ARANTES
JORGE LUIZ ANTONIO

Em maio de 2000, a Universidade Presbiteriana Mackenzie sediou a *I Mostra Interpoesia*. Na ocasião, houve o lançamento do CD-ROM *Interpoesia: Poesia Hipermídia Interativa*, de autoria de Philadelpho Menezes e Wilton Azevedo, obra que inaugurou um novo experimento poético: a interpoesia.

Preservando o espírito e a qualidade daquele evento, a *II Mostra Interpoesia: a poética das hipermídias*, que ocorreu na mesma universidade, entre 9 e 11 de outubro de 2001, reuniu artistas, poetas e pesquisadores que se dedicam à criação, estudo, experimentação e pesquisa sobre suporte digital. A intenção foi demarcar esse novo território da criação estética onde as tecnologias digitais e numéricas têm convivido com a produção artística emergente.

Sob a curadoria de Wilton Azevedo, o evento apresentou 87 trabalhos desenvolvidos por 106 autores representantes de 14 países. Dezoito trabalhos foram apresentados em grupos, dentre os quais, *Arte on Line*, *ArteQuatro* e *R2*. Os trabalhos foram organizados em função dos suportes utilizados ou dos formatos desenvolvidos – CD-ROM, zip disk, disquete, sites, e-mails e poesia infográfica impressa – e apresentados em nove computadores e sete biombos instalados no Salão Cultural João Calvino.

Quais as características mais marcantes dos trabalhos produzidos em território digital e em que medida eles questionam os paradigmas tradicionais da produção artística? Como os suportes hipermediáticos têm sido explorados pelos artistas contemporâneos? Essas e outras foram as indagações constantes para a curadoria e comissão organizadora da mostra, formada por Jorge Luiz Antônio, Priscila Arantes e Rita Varlesi.

A imagem de síntese inaugura uma nova escritura e produz um corte na história da arte comparável à invenção da perspectiva e da fotografia. Questiona-se o conceito tradicional de imagem que supõe previamente a existência de algum referente. A imagem digital não é imagem de algo, mas modelo matemático. Apesar de oferecer um aspecto visível, ela é essencialmente abstrata: matrizes numéricas que habitam a memória do computador.

Por outro lado, a relação contemplativa diante do objeto artístico sempre foi algo comum. É a partir dos movimentos de vanguarda e, mais notadamente, dos anos 50, que o espectador/leitor começa a ter uma relação mais participativa com a obra. Os trabalhos de Lúcia Clark e Hélio Oiticica ou mesmo os poemas de Ferreira Gullar convidam o observador a compartilhar seu universo, aliás, é ele que dá sentido à obra.

Sentido que é retomado com as tecnologias do virtual. Mas aqui não se trata somente de uma participação na construção do sentido, como antes, mas realmente de uma espécie de co-produção da obra, desde que o usuário é chamado a intervir nela diretamente, a fazê-la acontecer. A obra interativa é modificada em tempo real dando respostas instantâneas para quem a experimenta: ela se dá neste fluxo, neste contato e diálogo que estabelecemos com a máquina.

Com isso, a *II Mostra Interpoesia: a poética das hipermídias* procurou estar sintonizada com as questões que fazem parte do debate artístico contemporâneo. O conjunto de trabalhos expostos levou em conta a maneira como as inovações tecnológicas têm afetado o campo da criação artística, procurando propiciar ao público participante o convívio com diferentes modalidades da arte interativa de alto valor estético. Nas produções selecionadas, foi considerada a originalidade do material, o sistema interativo proposto bem como a inserção do artista no circuito da arte eletrônica.

Como diz o próprio subtítulo da exposição – *a poética das hipermídias* –, a intenção do evento foi o de oferecer ao público participante o contato com trabalhos que procuram explorar as potencialidades criativas e poéticas oferecidas pelas novas mídias digitais. Trabalhos que conseguiram transformar a interatividade, a não-linearidade, a imersão, a hibridização entre som, imagem e texto em recursos para a criação poética e artística.

A *II Mostra Interpoesia* pode ser vista em três momentos: a inauguração, a exposição em painéis e a exposição virtual permanente. Toda a exposição pautou pela presença da poesia intersignos, da intersemiose dos meios. Os CD-ROM *Interpoesia* e *Looppoesia* foram o carro-chefe de toda a exibição, e, de certa forma, a maior parte das obras apresentaram semelhante *leit-motiv*.

Vários - David Daniels, Avelino Araujo, Fatima Lasay, Ana Aly, entre outros - estabeleceram o elo entre as poesias verbal e visual e se mostraram como representantes da poesia visual. Hugo Pontes expôs uma coletânea de poesia visual em CD-ROM, de certa forma realizando outro anseio da poesia visual, que é o de adentrar a dimensão virtual. Outros trabalhos seguiram a mesma linha: Neide Dias de Sá, Samir Mesquita, Ivana Martínez Vollano (Argentina), Miguel Frias e grande parte da obra de Ted Warnell (Canadá).

Duas espécies de marcos divisórios da *Mostra* foram as obras dos dois Jims: o Jim Rosemberg (EUA), autor de *Diagram Series 5*, criador de um hipertexto por meio de novas relações sintáticas, que ele nomeia de *diagram poem*, e o Jim Andrews (Canadá) em *Vispo.com*, site que é um percurso da poesia verbal, visual e digital nos mais diferentes tipos de produção.

Mas eles não foram apenas poetas visuais que aproveitaram a oportunidade da Mostra: eles representam certamente o elo e a evolução da poesia inicialmente verbal, mas muitas vezes apontando para a visualidade, que depois se tornou visual, para, em seguida, fazer parte do meio digital.

Muitos desses expositores também apresentaram os seus sites e as suas inovações digitais. David Daniels, que apresentou poemas ornamentais em grandes dimensões mostrou-se inovador em seu site *The Gates of Paradise*. Fatima Lasay, que expôs *Imaginerio, E-m[ag]lino*, com Jorge Luiz Antonio, abordou a questão das traduções interlingual e inter-semiótica, enquanto que, com seus alunos, em *Palm Poetry*, releu o conceito de infopoesia através do estudo da obra de E. M. de Melo e Castro, no site *Infopoesias: produções brasileiras*, e no livro *Algoritmos*.

Melo e Castro, com *Infopoesias: produções brasileiras*, reuniu seus alunos reais, como Maria Virgília Frota Guariglia e Jorge Luiz Antonio, e virtuais, como Fatima Lasay, que por sua vez, passou a lição aos seus alunos do curso de "Arte das Mídias Digitais", da Universidade das Filipinas. De forma semelhante, Philippe Bootz e Bonnie Tsang (França), em *Marionnetistes de mots*, trouxeram o resultado de uma oficina de criação de poesia animada com os alunos da Escola Prévert.

Discípulos e mestres também conviveram de forma semelhante em *John 9:25 dedicated to Robert Creeley*, de Geoffrey Gatzka (EUA), bem como na leitura de um soneto por Alckmar Luiz dos Santos e Gilberto Prado (Brasil), por meio da linguagem VRML, assim como Alexandre Venera dos Santos (Brasil) releu *Panpaz* de Clemente Padin (Uruguai).

Dentre as releituras, vale destacar a versão digital de *The Iliad*, de Jeff Wietor (EUA), Susan Katz (EUA), Ryan Douglas (EUA) e Barry Smylie (Canadá), num *work in progress* que vai abrangendo os cantos de *A Ilíada*, na tradução inglesa de Samuel

Butler. E também o estudo multimidiático de *Seis propostas para o próximo milênio*, de Italo Calvino, relida por Gian Zelada.

Obras de grupos foram uma constante na *Mostra*: Hugo Pontes através de sua antologia de poesias visuais, Carlos Moreira e Joesér Alvarez em *Quase e Agora*; Gisela Domschke e Fábio Itapura em *Buzzing Diary*; Jorge Luiz Antonio e Regina Célia Pinto em *Logo Logos Lago Algo*, dentre outros.

Alguns trabalhos apresentados utilizaram o CD-ROM como receptáculo e suporte para armazenamento de informações. Esse foi o caso de *informa/di catálogo*, do poeta experimental Enzo Minarelli, um dos maiores nomes da poesia sonora na Itália, que oferece ao usuário a possibilidade de ter contato com diferentes trabalhos (poesia sonora, videopoesia, instalações videográficas etc) desenvolvidos nos 20 anos de carreira do poeta. *Arte on Line* também ofereceu ao público a possibilidade de acessar os três primeiros números da revista eletrônica brasileira editada por Marcelo Frazão, Paulo Villela e Regina Célia Pinto.

O CD-ROM torna-se uma antologia dos trabalhos realizados, uma espécie de obra reunida e/ou selecionada. Assim é a obra abrangente de Alan Sondheim (EUA), que trabalha com textos reflexivos, vídeos, performances, programas novos, como o Linux, e acaba sendo ele próprio a Internet, tão abrangente é a sua obra.

Komninos Zervos, ciberpoeta, poeta performático e professor universitário na Austrália, também utiliza o CD-ROM para fazer uma seleção de suas obras e distribuí-las. Sua grande preocupação como artista é criar uma ciberpoesia que esteja tão-somente vinculada ao ambiente digital.

A maioria dos trabalhos em cd-rom procurou problematizar esse suporte hipermediático como receptáculo de experimentações e propostas poéticas. Entre esses trabalhos podemos destacar aqueles que procuraram problematizar os recursos oferecidos pelo próprio suporte, numa espécie de referência metalingüística. Esse foi o caso de *Pelepoesia*, elaborado pelo grupo ArteQuatro (Aloice Secco, He-loísa Leão, Cecília Saito e Vera Bighetti), que mistura som, imagem e texto, para fazer uma analogia entre a pele, esta espécie de fronteira entre o dentro e o fora do corpo humano, com o próprio percurso de construção da obra hipermediática, que se dá nesse vaivém, num processo de troca e intercâmbio entre o usuário e o computador. Já em *Loopoesia*, Wilton Azevedo, trabalhando com imagens de animação de no máximo oito segundos em uma velocidade de 0.001 por frame, faz uma brincadeira com o efeito do *loop* propiciado pelos computadores, daquilo que sempre se repete. Realiza, dessa maneira, uma referência às próprias linguagens numéricas e sintéticas que operam na esfera do modelo, do cálculo matemático e da repetição. Philippe Bootz, artista francês com vasta experiência em poesia digital, nos

fala, através de *Variations sur Passage* e *Le nouveau prepare l'ancien* do tempo hipermediático. Em uma auto-referência poética, o artista fala da construção da arte hipermediática, essa obra-processo que se desenvolve no transcorrer temporal. É por isso que o artista pode utilizar, em um dos seus trabalhos, a imagem de uma ampulheta, um dos símbolos mais claros da passagem do tempo. Juntamente com a areia da ampulheta transcorrem letras evidenciando, dessa forma, a intrínseca temporalidade de construção da poesia hipermediática. Ainda nessa linha podemos destacar um dos trabalhos apresentados por Reiner Strasser, em *Re-sea-rations*, que é o "La cipolla", uma teoria da arte na web.

Ainda nesse módulo, encontramos trabalhos que utilizaram os recursos oferecidos pelo suporte digital como ferramenta para tecer reflexões sobre trabalhos já conhecidos do ponto de vista da história e da prática artística. Em *Kosuth, uma e três linguagens*, Maria del Mar Reyes faz uma referência explícita ao trabalho *Uma e três cadeiras*, do artista conceitual Kosuth. Mas aqui, em vez de fazer uma referência aos diversos significados que a cadeira pode adotar em diferentes contextos, ela problematiza a idéia da hibridização entre som, imagem e texto, brincando com a interface oferecida ao usuário e misturando os sentidos e significados adotados pelas três linguagens.

Gian Zelada, em *Seis propostas para o próximo milênio*, faz uma releitura hipermediática dos conceitos de leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade, desenvolvidos em livro de mesmo título por Italo Calvino. Em *O Branco e o Negro*, Regina Célia Pinto realiza uma releitura de *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, e do poema *Neblina*, de Nelson Ascher, adotando o conceito de simulação de Jean Baudrillard. Ao final da viagem e da navegação, o usuário pode acessar o jogo da neblina, um jogo de dados hipermediáticos que nos conduz a diferentes momentos da suposta viagem proposta pela artista. Com o jogo da neblina, esse CD-ROM explicita uma das tendências dos trabalhos hipermediáticos que encontram no jogo sua melhor expressão. Ao contrário das obras de arte tradicionais, na arte hipermediática o que importa é o ato de jogar que se estabelece entre o usuário e a máquina.

Outros trabalhos do mesmo módulo procuraram oferecer e explorar os recursos oferecidos por esse novo suporte na construção de novas propostas poéticas. É dentro desse espírito que podemos navegar em *Escaleras y otros Anipoemas*, da poeta argentina Ana Maria Uribe. Indo além das propostas desenvolvidas pela poesia concreta, a artista nos oferece a possibilidade de poder desfrutar de um momento animado, no duplo sentido da palavra. Trabalhando com a visualidade da letra e destacando-a do seu contexto semântico, Ana Maria nos oferece um trabalho divertido

onde a letra, acoplada ao som, à cor e ao movimento, transforma-se sempre em um outro signo, ganhando vida própria.

No módulo *on line*, foram selecionados sites nos quais os artistas exploraram a dimensão artística e estética no ciberespaço e na Internet. São sites artísticos que não se qualificam somente como banco de dados em hipermídia, mas que desenvolvem propostas poéticas, criações em 3D e, dentre outras qualidades, oportunizam ações colaborativas com intervenção estética, bem como acontecimentos em rede, telepresença e ações remotas.

De uma maneira geral, os sites apresentados na mostra dividiram-se em dois grupos: no primeiro, encontramos sites de divulgação de artistas que trabalham com mídias digitais; em outro, encontramos os sites de realização de trabalhos e eventos via Internet onde a rede é utilizada como instrumento de criação poética: trabalhos em telepresença, em realidade virtual e obras que buscaram focar as ações colaborativas em rede.

A telepresença é um sistema que cria uma situação onde o usuário se sente presente num ambiente real, através de algum dispositivo de tele-operação, como por exemplo, um tele-robô com poder de atuação no mundo real. Ela possibilita, assim, a atuação em espaços físicos remotos. Esse foi o caso de *Ins(h)nak(r)es*, da artista multimídia brasileira Diana Domingues. Participantes remotos, conectados ao site, podiam deslocar-se no mesmo espaço físico de cobras vivas ao incorporar o corpo de uma cobra/robô que se encontrava no serpentário e que se acoplava a uma webcam que transmitia, em tempo real, imagens do serpentário. Usando as setas do teclado no computador, os usuários podiam transmitir ordens dos sinais ao robô-cobra.

Já em *Dreamlife of Letters*, Brian Kim Stefans enfatiza a ação colaborativa possibilitada via rede e nos oferece o resultado de um evento colaborativo desenvolvido via internet, uma mesa redonda *on line*, quando foi possível criar um poema brincando com as semelhanças das palavras.

Um grupo de autores enviou arquivos contendo parte de suas obras via Internet. Assim temos Clemente Padin, que faz uma poesia performática por meio do uso do Macromedia Flash e da sua pessoa. De igual maneira, Joesér Alvarez (Brasil) faz uma releitura digital da dedicatória de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, intitulando o seu trabalho como *Scalpoema*. David Knoebel, autor de *Click Poetry*, escolhe uma parte dessa obra - *ThoughtsGo* - para fazer uma breve meditação sobre a natureza transitória da inspiração.

Outra parte dos trabalhos *on line* procuraram focar a realidade virtual permitindo ao usuário atuar diretamente através de interfaces em um ambiente virtual ou em um mundo real simulado.

Em *Aurora 2001: Fogo nos céus*, Tânia Fraga nos oferece, em linguagem VRML, a possibilidade de navegar num ambiente 3D. O site é uma versão reduzida do cibercenário interativo realizado, em 2000, para o espetáculo de dança *Aurora 2001: Fire in the Sky*, para o *Maida Withers Dance Construction Company*, sediado em Washington. Nesse espetáculo, vários dançarinos podiam interagir através de um mouse sem fio, com o cenário construído pela artista. O site, como o espetáculo, inicia-se com a apresentação de um sol virtual que vai se modificando através da interatividade do usuário. Aqui o usuário pode explorar diversos aspectos do sol: as labaredas solares, as massas de plasmas ejetadas pelo sol. Ao final da jornada, podemos ter acesso ao ambiente que simula o fenômeno da aurora boreal.

Beyond Manzanar, das artistas norte-americanas Tamiko Thiel e Zara Houshmand, também ofereceu ao público a possibilidade de acessar um ambiente imersivo em VRML. Apesar de estar na exposição em forma de vídeo, já que originalmente é uma instalação interativa, o público pôde ter contato com um espaço virtual que conduz aos campos de concentração criados para prender japoneses durante a Segunda Guerra Mundial.

No terceiro módulo da exposição, encontramos uma série de poesias infográficas impressas. Entre elas, podemos destacar *The gates of paradise: some samples*, de David Daniels (EUA), uma série de trabalhos onde o artista brinca com a forma visual das palavras, estabelecendo diferentes relações entre palavras e imagens construídas pela espacialização das palavras.

A *II Mostra Interpoesia* apresentou uma mesa redonda com E. M. de Melo e Castro e Wilton Azevedo sobre o tema: *Palavras, imagens e sons digitais: que poesia é essa?* Maria Lúcia Santaella Braga proferiu a palestra "A obra pluriforme de Philadelpho Menezes", e, em seguida, foi exposto o vídeo documentário "A poética de Philadelpho Menezes", de Kiko Goifman e Jurandir Müller.

Foi elaborado um projeto de publicação dos *Anais da II Mostra Interpoesia*, com o catálogo completo, programa das atividades e alguns artigos e ensaios sobre temas afins de autores das mais diversas nacionalidades.

Um quarto aspecto da exposição foi o tributo à obra de Philadelpho Menezes (1960-2000), que foi apresentado como uma seção do catálogo. Um elenco de tributos nacionais e internacionais foi apresentado. Wilton Azevedo, Sérgio Bairon e Rita Varlesi contribuíram com *Philadelpho Menezes: in cybermemoriam* (CD-ROM), enquanto Franklin Valverde fez uma releitura de obras sob o título de *Phila: em homenagem a Philadelpho Menezes* (poesia visual). A revista eletrônica *Arte on Line*, do Rio de Janeiro, reuniu tudo o que se teve notícia sobre o tributo ao Philadelpho Menezes, à semelhança do site do EPC - *Electronic Poetry Center*, da

State University of New York in Buffalo, EUA, sob a coordenação de Tom Bell e Loss Pequeno Glazier, com auxílio de Ted Warnell. Patrick Henri-Burgaud, francês radicado nos Países Baixos, ofereceu a poesia digital *Menezes*, de grande sensibilidade; Ted Warnell, do Canadá, apresentou uma leitura do intersign poetry com *VITA4PM*, enquanto Miekal And, dos EUA, nos brindou, nos últimos dias da *II Mostra*, com *Seedsigns*, numa comovente homenagem artística. Susan Katz, dos EUA, no site *The Poets's Place*, ao dar boas-vindas à *II Mostra Interpoesia*, republicou o poema *Cliches* com uma breve análise da obra.

Sob o título geral de *Crônicas da II Mostra Interpoesia*, em versão bilíngüe (português e inglês), um catálogo geral está sediado no site do curador da exposição sob a seguinte url: <http://www.wiltonazevedo.com.br>.

Uma exposição do porte da *II Mostra Interpoesia* é uma obra aberta a muitas leituras. O presente comentário buscou abranger um número significativo de obras, com o objetivo de mostrar as diversas linhas de trabalhos expostas no evento.

Dessa forma, fica evidente que a mostra procurou estar sintonizada com as questões presentes no debate sobre arte hipermediática, oferecendo ao público brasileiro um amplo espectro do que tem sido feito de inovador na área, no Brasil e em outros países. Muito mais do que um simples suporte, o evento procurou mostrar ao público que as novas mídias digitais são instrumentos que possibilitam um outro modo do fazer poético. De fato na maneira como os trabalhos em arte digital permitem jogar com os horizontes de sentido, ela nos dá a sensação de sermos demiurgos, artesãos de um mundo cuja extensão é a mesma da vontade de nossa imaginação. Aqui escrita e leitura trocam seus papéis. Aquele que participa da estruturação do poema que se abre na tela e do traçado e das pistas deixadas é um leitor. Da mesma forma, parafraseando Pierre Lévy, é um autor ao escolher navegar por mares, a atualizar um percurso que, sem o seu clique, permaneceria em estado virtual.

Por outro lado, a mostra pode solidificar-se enquanto iniciativa ímpar no país, um espaço que pretende trazer anualmente ao público brasileiro o que tem sido feito de inovador na área da arte e da poesia digitais.

PRISCILA ARANTES é doutoranda no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e professora de estética e cultura contemporânea na Universidade São Judas Tadeu e de história da arte e tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi.

JORGE LUIZ ANTONIO é doutorando no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC/SP pesquisador, poeta, professor universitário, autor de *Almeida Júnior através dos tempos* (1983) e *Cores, for-*

ma, luz, movimento: a poesia de Cesário Verde (2002, no prelo). Está realizando uma catalogação sob o título de *Brazilian Digital Art and Poetry on the Web* na seguinte url: <http://www.vispo.com/misc/BrazilianDigitalPoetry.htm>. Email: jlantonio@uol.com.br